Ano I - Número 1 - Agosto de 1997 - R$ 4,20

Chupa-Cabras

Toda história do bicho

Fotos inéditas

Investigação de casos no Brasil e exterior

Ataques a seres humanos

Chupa-Cabras. Que bicho é este?

Ilustração de Jorge Martin com base em depoimentos colhidos em Porto Rico

Ovelhas mortas e mutiladas. Animais encontrados sem vísceras, olhos ou cérebro. Ao mesmo tempo, indícios de uma criatura desconhecida - às vezes bípede, às vezes quadrúpede - registrados através de relatos, fotos, marcas no solo, pelos presos em arames e, até, encontros à luz do dia.

Contadas de boca em boca estas histórias ficavam restritas aos limites da fantasia. Assombrações modernas. Mas elas se tornaram tão frequentes, nos dois últimos anos, e se aproximaram tanto da periferia de grandes centros urbanos, que os jornais e televisões foram obrigados a investigá-las. A partir de então o bicho ganhou um nome: Chupa-Cabras.

O nome Chupa-Cabras não é novo. Foi inventado em 95, em Porto Rico, na América Central, onde também se registrou uma onda de mortes e mutilações de animais em circunstâncias semelhantes. Dali, a onda de mutilações partiu para o México e se tornou mundialmente conhecida.
Só então o mundo soube que casos de animais mutilados de forma muito mais estranha já ocorriam desde 1967 nos Estados Unidos. Alguns casos são aterradores. Não há nenhuma tecnologia na ciência moderna capaz de realizar tais façanhas. Substâncias desconhecidas foram encontradas ao lado de alguns dos animais mortos. Cientistas respeitáveis investigaram centenas de ocorrências e, incapazes de explicá-las, acabaram aceitando a hipótese da ação de extraterrestres.

Alimentado por estas histórias, o fenômeno chegou ao Brasil pela porta dos fundos. Em algumas cidades assumiu as proporções de histeria coletiva, furor público. O chupa-cabras apavorou crianças e assustou adultos. Pais armados iam buscar seus filhos na porta da escola. Centenas de mortes naturais de animais domésticos foram atribuidas ao chupa-cabras. Ocorreu de tudo, da ingenuidade ao exagero. O bicho virou letra de música e nome de coquetel nos bares.

Nada disso é estranho. Alguns atributos do chupa-cabras são parecidos demais com traços da personalidade de dois dos maiores mitos de todos o tempos: o lobisomem e o vampiro. O pai do folclorismo e da etnografia brasileira, Luis da Câmara Cascudo, já havia advertido, nos anos 50, que o mito mais complexo e generalizado na História Universal é o do lobisomem. O escritor Paulo Coelho, antes de falar de alquimistas e magos, escreveu repetidamente sobre o mito do vampiro.

Há quem acredite que o chupa-cabras não passa de uma junção deste dois mitos, fortalecido por componentes modernos, como ETs e engenharia genética. Mesmo que fosse apenas um caso de histéria coletiva, já seria o bastante para merecer a atenção, dos meios de comunicação e dos cientistas sociais. Mas, infelizmente, a questão não é só essa.

Alguns casos de mortes de animais registrados no Brasil continuam inexplicados. Pelo menos um deles, ocorrido em Cotia, SP, só têm precedentes num episódio que até hoje permanece obscuro - o dos ETs que teriam sido capturados na cidade mineira de Varginha, em 95. Outros casos, apesar das teorias de especialistas, que [illegible] a animais [illegible] os ataques, não podem ser atribuídos de forma alguma a predadores naturais.

Misteriosa também, e mais aterradora, é a história do pescador encontrado morto, em 88, na represa do Guarapiranga, em São Paulo. O caso só veio a público em julho passado, depois que estourou a história do chupa-cabras. As mutilações encontradas no corpo do pescador são semelhantes àquelas observadas em milhares de animais, desde o final dos anos 60, nos Estados Unidos.

Com certeza o chupa-cabras não é um único bicho. Mas ele existe. Mais certo é dizer que trata-se de uma variedade de bichos: O que habita o imaginário, e nem por isso menos real; o que deixa rastros, pêlos e é registrado em fotografias; o que mutila animais com garras desconhecidas ou os contamina com alguma substância letal; e, por fim, este outro, científico, que sabe muito bem o que quer quando mutila e mata animais. Este último talvez seja mais do que uma das faces chupa-cabras. Quem sabe seja a razão para as histórias começarem.

Paulo Sam Martin

Uma das várias faces do chupa-cabras, veiculada em revistas de várias regiões do mundo

Episódios com o bicho causam alvoroço nacional

Fenômeno se repete por todo o Brasil e a mídia é forçada a entrar na história. Lendas e mitos se confudem com fatos reais e a imaginação popular corre como um rastilho de pólvora. Chupa-cabras assume as proporções de um mito moderno, mistura de vampiro, lobisomem, ETs e OVNIs

Nos últimos meses o chupa-cabras se transformou em um furor nacional. Isso só ocorreu a partir de maio deste ano por força da curiosidade popular. Até o início de 96, os casos de morte e mutilação de animais ainda eram praticamente desconhecidos no País. Raros episódios haviam sido publicados, de maneira quase anedótica, em pequenos jornais de circulação regional. Algumas revistas especializadas em ufologia (termo derivado de UFO - abreviatura inglesa de OVNI) foram as únicas que deram maior atenção ao tema. Mesmo assim, fixavam o enfoque nos casos de Porto Rico. As ocorrências recentes no Brasil não passavam de vagos registros. Os grande veículos de comunicação tratavam com descaso ou ironia o fenômeno.

Em maio de 97, quase simultaneamente, três jornais deram, pela primeira vez, o tratamento jornalístico que o tema exigia. A Tribuna de Campinas, de Campinas - SP; a revista Já, encarte dominical do Diário Popular, de São Paulo e a Folha de Londrina, de Londrina - PR, publicaram grandes reportagens com relatos e descrições minuciosas de diversos casos.

A partir de então o chupa-cabras adquiriu as dimensões de um fenômeno de massas. Os grandes veículos de comunicação foram obrigados a quebrar suas reservas por força da opinião pública.

Notícias, lendas e mitos se misturaram na imaginação popular e correram como um rastilho de pólvora de um bairro a outro, de uma cidade a outra. Em cidades como Sumaré e Hortolândia, próximas a Campinas, bairros inteiros mudaram seus hábitos noturnos. Pais começaram a buscar seus filhos na porta das escolas, moradores evitavam sair à noite. Em Araçoiaba as autoridades tiveram que intervir. Com medo de ataques de chupa-cabras, pais passaram a ir armados pegar os filhos na saída da escola. Encorajados pelo porte das armas, alguns acabaram se envolvendo em brigas e disparando tiros desnecessários. Assim, as armas causaram pânico maior do que aquele que poderia vir de uma hipotética aparição da fera. Em Campina Grande do Sul - PR, onde ocorreram diversos ataques a ovelhas, as luzes da cidade chegaram a ser inexplicavelmente desligadas no momento em que uma emissora de televisão regional transmitia uma reportagem sobre os casos.

Programas de televisão exploraram a exaustão as

Pressionada pelo crescimento do fenômeno, toda a mídia nacional foi obrigada a entrar na história. Casos reais ou fictícios, lendários ou simplesmente forjados, ganharam espaço nos grandes jornais, emissoras de rádio e televisão.

CABEÇA DE ARRAIA

Em junho de 97, os relatos de casos ocorridos de Sul a Norte do país já fugiam a qualquer controle. Havia um pouco de tudo: desde fatos realmente inexplicáveis, até lendas, mitos e imaginação. Em Monte Mor, interior de São Paulo, por exemplo, uma sucessão de ataques ao gado de um pequeno criador foi rapidamente atribuída ao chupa-cabras. Mas as marcas deixadas nos animais mortos não resistiu às primeiras análises. Elas haviam sido feitas por algum felino de grande porte, provavelmente fugido do cativeiro clandestino e agora, refugiado na mata, em busca de alimento.

Em alguns casos, investigadores do Cepex constataram indícios claros de ação humana. Ovelhas e aves foram encontradas mortas e retalhadas, talvez por pura perversão, talvez em algum ritual macabro de sacrifício de animais. Alguns casos chegam a ser cômicos. Em bairros da periferia de Sumaré e Americana, também no interior de São Paulo, jornais foram chamados por moradores para constatar "ataques do chupa-cabras". Eram galinhas mortas na encruzilhada, com o pescoço destroncado, ao lado de garrafas de champanhe e velas vermelhas de rituais de candomblé.

Gugu Liberato, Saulo Ramos e os irmãos Oswaldo e Eduardo Mondini: cabeça era de arraia

No início de julho de 97, ainda, o programa Domingo Legal, comandado pelo apresentador Gugu Liberato, do SBT anunciou durante todo o dia que iria mostrar a cabeça de um chupa-cabras encontrado às margens de um rio na selva amazônica. Os índices de audiência explodiram. Foram mantidos durante toda a tarde na marca dos 30 pontos, de acordo com os critérios do Ibope. Especialistas logo perceberam que tratava-se da cabeça de uma arraia de grande porte, comum nas águas dos rios da Amazônia.

A legenda do chupa-cabras também se transformou em peça de marketing. Em várias cidades foram lançadas griffes de camisetas com a estampa colorida dos desenhos do bicho. Pequenos dinossauros e monstrinhos, vendidos por camelôs em praça pública, foram apelidados de "chupinhas" e desapareceram da praça da noite para o dia. Em apenas uma banca de camelô, no Mercado Municipal de Campinas, chegaram a ser vendidos, nos últimos meses de junho, cerca trezentos "chupinhas" por dia, ao preço de R$ 3,00 cada um. Na mesma época, também em Campinas, o tradicional Bar Azul aproveitou a onda e lançou o "Drinque do chupa-cabras", a base de vodka, campari e margarita mix. Chegou a vender mais de cinquenta doses por noite.

Os compositores Robson Arantes e Paulino Neves tranformaram o personagem em tema do "Forró do chupa-cabras", uma música maliciosa gravada por Bráulio, o Verdadeiro, e lançada a toque-de-caixa pelo estúdio Bonde Samba, de São Paulo. A música, que fala de uma "cumadi" maliciosa e assanhada, se transformou no carro chefe do CD do cantor.

Ovelhas mortas: é o início da história

No começo deste ano, uma pequena cidade do Paraná ficou nacionalmente conhecida. Ali dezenas de ovelhas apareceram mortas em circunstâncias misteriosas. Campina Grande do Sul abriu caminho para uma série de ataques, depois registrados por todo o Brasil, atribuído ao ser misterioso que ficou conhecido como chupa-cabras

Em abril de 1997 o Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), uma das mais importantes universidades paulistas, recebeu um insólito pedido de ajuda. O rebanho de ovelhas do casal Samuel e Rosimara Ramos Lago, agricultores na cidade de Campina Grande do Sul, no Paraná, vinha sofrendo ataques sistemáticos de um predador desconhecido.

Vinte e cinco animais já haviam sido vitimados, doze dos quais mortos em um única investida. O casal estava impressionado com algumas características dos ataques e com a estranheza das marcas deixadas pelo predador.

As duas orelhas de todas as ovelhas mortas, e mesmo as de algumas ovelhas sobreviventes, haviam sido arrancadas de maneira incomum. O corte era preciso, como aqueles deixados por navalhas ou instrumentos muito afiados. Nos dias seguintes aos ataques, as orelhas foram encontradas amontoadas nas imediações, todas envolvidas por um muco gelatinoso. Como se tivessem sido vomitadas.

A violência das marcas deixadas pelo predador também era incomum. Ao todo, até aquele início de abril, haviam ocorrido três ataques. O primeiro, no começo de fevereiro, vitimara apenas uma ovelha do rebanho. Ela foi encontrada morta, com as orelhas decepadas, nas primeiras horas da manhã. O ataque ocorrera em silêncio durante a noite.

Ninguém ouviu sequer um gemido durante o primeiro ataque

Menos de dez dias depois, um novo ataque deixou cinco animais mortos e dois feridos. Esta nova ofensiva foi surpreendente porque ocorreu à luz do dia. O caseiro da propriedade, José Batista de Moraes, que esteve por ali durante toda aquela manhã, lembra: "Uma das casas estava em reforma. Por isso, além de minha família, havia mais quatro pessoas no sitio naquele dia. Eles trabalhavam a menos de 50 metros do curral onde estavam as ovelhas". Por volta das 9 horas, Batista alimentara os animais e todos estavam bem. Uma hora e meia depois, quando voltou ao curral, o ataque já se consumara. "Tudo aconteceu em silêncio e ninguém ouviu sequer o gemido dos bichos", afirma.

Até aquele momento, apesar das circunstâncias insólitas, os proprietários do rebanho ainda acreditavam no ataque de algum predador natural. A pouco mais de 30 quilômetros de Curitiba, nas encostas da serra, a pequena cidade de Campina Grande do Sul é cercada por grandes extensões de matas naturais. Nelas, ainda é possível encontrar felinos selvagens de médio porte, como pumas e jaguatiricas, ou raros espécimes

Ovelha sem orelhas, em fotografia feita pela proprietária do rebanho, Rosimara Ramos Lago, na manhã seguinte ao ataque

de lobo guará. Por isso, eles decidiram comunicar a Polícia Florestal de Curitiba, que atende a região. Matar animais selvagens é crime previsto em lei e eles precisavam se resguardar para a eventualidade de uma ocorrência desta natureza. Uma equipe da Polícia Florestal foi ao local, vistoriou as ovelhas mortas e autorizou a colocação de armadilhas.

As providências foram em vão. Apesar das armadilhas e do sistema rigoroso de vigilância adotado pelo caseiro, poucos dias depois ocorreria um verdadeiro massacre.

O MASSACRE

Por volta da meia noite do dia 20 para 21 de fevereiro, o caseiro José Batista foi até o curral onde estavam as ovelhas. Esta vigília noturna havia sido combinada entre ele e os proprietários do sítio desde o último ataque, na tentativa de evitar novas investidas do predador. João Batista andou entre os animais, viu que todos estavam calmos e voltou dormir.

Pouco antes das 2 horas, acordou sobressaltado com ruídos surdos que vinham de fora. Caía uma garôa fina, e ele saiu de casa vestindo sua capa de chuva. Quando chegou perto do curral escutou o gemido de algumas ovelhas, apurou o ouvido e foi então que ouviu também um rosnado. "Era um som estranho, um ronco que eu nunca tinha ouvido antes", conta. Batista forçou um dos portões do curral, mas lembrou-se que havia esquecido as chaves dentro de casa. Correu em torno do alambrado alto, em busca da outra entrada. "Acho que foi durante este tempo que o bicho fugiu", lembra.

Quando conseguiu transpor a cerca e acender a lanterna, deu-se conta da extensão do massacre. Das 25 ovelhas que se encontravam ali, apenas duas haviam escapado ilesas. Doze estavam mortas e outras onze muito machucadas. Todas tinham as orelhas decepadas com a mesma precisão cirúrgica

Sobreviventes ao ataque em Campina Grande do Sul: sem orelhas, maxilar quebrado e perda de muito sangue

verificada nos casos anteriores e o maxilar quebrado, acima do focinho, por um golpe muito violento. As patas de algumas estavam arranhadas, como se tivessem sido feridas por garras fortes e finas. Outras, ainda, apresentavam pequenas perfurações, aparentemente feitas por dentes pontiagudos, na parte traseira do corpo. Apesar da profundidade dos ferimentos havia uma ausência quase completa de sangue no local. E, para complicar ainda mais o quadro, nenhuma das ovelhas havia sido utilizada como alimento, o que era de se esperar caso tivessem sido vítimas de algum predador natural faminto.

Estarrecido com a carnificina, o caseiro telefonou no mesmo instante para seus patrões Samuel e Rosimara, que se encontravam em Curitiba naquela noite. Os dois chegaram alguns minutos depois, acompanhados do veterinário. O tratamento das ovelhas sobreviventes arrastou-se até as 11 horas da manhã seguinte. O veterinário reconhecia que nunca havia visto nada semelhante e o próprio Samuel, biólogo formado pela Universidade Federal do Paraná, estava assustado. "Pumas e jaguatiricas não fazem investidas deste tipo e as marcas encontradas nas ovelhas jamais poderiam ter sido deixadas por um lobo-guará", afirma Samuel.

Dois dias depois, uma equipe da Polícia Florestal vistoriaria toda a propriedade. Em seguida, viriam especialistas do Zoológico Municipal de Curitiba, chefiados pela

Carnificina deixa caseiro estarrecido. Violência não tem precedentes na região

veterinária Ana Silvia Passarinho. Durante muitos dias, várias hipóteses foram levantadas. Mas todas aquelas que poderiam levar a algum predador conhecido foram descartadas. Os únicos com garras e dentes suficientemente afiados para deixar marcas semelhantes são os felinos. Mas felinos não mordem a traseira de suas presas como ocorreu ali - eles atacam no pescoço. Felinos, ainda, matam para se defender ou em busca de alimentos. "Nunca se soube que tenham promovido carnificinas como esta, para depois abandonar as presas", comenta Samuel. Segundo ele, em toda a história da zoologia não há registros de qualquer animal que tenha arrancado apenas as orelhas de suas vítimas, com aquela precisão cirúrgica, para vomitá-las alguns metros adiante.

CHUPA-CABRAS

Assim que as histórias de Monte Alegre do Sul se tornaram públicas, descobriu-se que ataques daquela natureza estavam longe de ser casos isolados. Notícias de ocorrências semelhantes começaram a pipocar por todo o país.

Em alguns casos, os massacres eram extensos. Dezenas de ovelhas apareciam mortas de uma só vez.

Muitos destes casos lembravam a onda de animais mortos em circunstâncias misteriosas ocorrida há alguns anos no México e Porto Rico (leia nesta revista). Lá, as mortes e mutilações foram atribuídas a uma animal misterioso e desconhecido, que recebeu o nome de chupa-cabras. Ele atacava principalmente cabras e as deixava praticamente sem sangue e sem as vísceras.

Os casos ocorridos no Brasil também passaram a ser atribuídos a este animal.

Bastava aparecerem ovelhas, bois e aves domésticas mortas, para que logo se pensasse no chupa-cabras. Entre janeiro e maio de 97, o Cepex foi chamado para investigar a morte de mais de uma centena de animais em diversas cidades do interior de São Paulo, Sul de Minas Gerais e Paraná.

Em meio à confusão criada, ataques claramente realizados por predadores comuns também foram atribuídos ao chupa-cabras.

SURGEM OS DESMENTIDOS

Os ataques ocorridos na região de Campina Grande do Sul, região metropolitana de Curitiba, no Paraná, se tornaram conhecidos no Brasil inteiro. Mas foi lá, dentro das fronteiras do próprio município, que a história se tornou explosiva. Assim que as notícias chegaram aos jornais, o pânico espalhou-se entre chacareiros e moradores. As autoridades, preocupadas, foram obrigadas a intervir durante várias ocasiões. Até hoje permanece inexplicado o corte de energia elétrica em toda a cidade, justamente no horário, previamente anunciado, em que uma emissora regional de televisão divulgou uma reportagem sobre os ataques misteriosos a animais em chácaras das redondezas.

Finalmente, em junho, um laudo divulgado por biólogos do Zoológico de Curitiba e do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) atribuiu os ataques à cães em busca de comida. Segundo os biólogos, existem na região matilhas de cães de origem doméstica e que, abandonados à própria sorte, voltaram a adquirir características selvagens. Esta constatação partira, segundo os biólogos, da análise de alguns pêlos encontrados junto às ovelhas. As análises dos cortes nas orelhas, que haviam sido arrancadas, e as características dos ferimentos foram analisadas apenas a partir de fotografias feitas pelo dono do sítio, o biólogo Samuel Ramos Lago, por ocasião dos últimos ataques.

Em tom coloquial, um dos biólogos que assinaram o laudo, Mauro de Moura Britto, do IAP, afirmou: "As ovelhas são tão frágeis que às vezes chegam a morrer do coração, por causa do susto". Ou seja, ele acredita que não é difícil, para um único cachorro, dizimar mais de dez ovelhas de uma só tacada. Sobre as características do ferimentos, ele foi ainda mais lacônico: "Isto foi um folclore criado em cima de um caso simples de ser explicado". A secretária de Meio Ambiente de Campina Grande do Sul, Tosca Zamboni, corroborou a hipótese dos biólogos. "O número de cães soltos no município é grande. Apesar de não serem notificados, os ataques a animais são frequentes. A população dificilmente denuncia este tipo de ocorrência que, de

junto às vítimas. Não há provas testemunhais. Não há rastros do bicho. Foram vãs as tentativas de capturar o animal - e muitas armadilhas foram distribuidas na região de Campina Grande. (...) E como explicar os cortes com precisão cirúrgica nas orelhas das vítimas, que tanto encabularam outros especialistas que examinaram o assunto e não chegaram a conclusão nenhuma? E as mandíbulas destroçadas das ovelhas, como explicá-las? E os montes de orelhas intactas e envolvidas por um muco gelatinoso encontrado ao lado das vítimas?"

Além das questões formuladas por Pedriali, há pelo menos mais duas perguntas técnicas que devem ser feitas: como o cão (ou os cães) conseguiu transpor um alambrado de quase dois metros de altura e que permaneceu intacto? como o cão, ou os cães, conseguiu manter-se e manter o rebanho em absoluto silêncio, principalmente no caso dos primeiros ataques realizados à luz do dia?

uns tempos para cá, passou a ser comum", disse ela.

A aparente objetividade dos biólogos não convenceu os mais atentos. Veterinários experimentados haviam socorrido os animais logo depois dos principais incidentes. A Polícia Florestal investigou, exaustivamente, o local. As inquietações do próprio Samuel Lagos e de sua esposa, ele biólogo e experimentado nas lides com seu rebanho, não ficaram esclarecidas. Afinal foi ele mesmo, e não o folclore popular, quem estranhou a natureza das marcas encontradas em suas ovelhas.

O jornalista José Antonio Pedriali, da Folha de Londrina, formulou as seguintes perguntas, na edição do jornal

Especialistas dizem que foi o cão. Mas não convencem nem os donos de rebanhos

que chegou às bancas no dia 11 de junho: "A conclusão fatal e fatídica de que os ataques foram provocados única e exclusivamente por 'cães domésticos que vivem soltos' baseou-se pura e simplesmentes na análise de chumaços de pêlos encontrados

Sitiante viu tudo e desmente o laudo

No dia 15 de junho passado o chacareiro Carlos Francisco Meissner irritou-se com as autoridades. Ele é proprietário da chácara Vó Laís - Adubos Orgânicos, no bairro Olhos D'Água, em Campina Grande do Sul, e viu as marcas deixadas pelo predador desconhecido em vários animais domésticos. Meissner não se conformou com as explicações dos biólogos. "Tentei mostrar, várias vezes, que as mortes ocorridas na minha região não poderiam ser, em hipótese alguma, obra de cachorros ou qualquer outro predador conhecido. Mas ninguém me deu ouvidos. Parece que há um claro desejo de ocultar a realidade", afirma.

O relato de Meissner, feito com exclusividade ao Cepex, é contundente: "No final do mês de janeiro houve um ataque na propriedade do doutor João Carlos Fonseca, que fica exatamente em frente à minha. Nesta propriedade foram atacadas seis ovelhas e dois carneiros. Estes animais tiveram suas orelhas decepadas, apresentavam vários furos pelo corpo. As femeas morreram no ataque. Os dois machos, que eram meus e estavam ali para acasalar com as ovelhas, não morreram no ataque. Mas foram definhando e, apesar de todos os cuidados, morreram dias depois de anemia profunda (na ocasião do ataque, um dos machos pesava aproximadamente cento e dez quilos. Quarenta dias depois, quando morreu, pesava 25 quilos).

"Nós não demos a importância devida a este fato, apesar de acharmos o ataque muito estranho, pois não mostrava nenhum padrão semelhante aos realizados por felinos ou cães.

"Dias depois, começaram a ocorrer outros ataques, inclusive na propriedade de Samuel Ramos Lago, biólogo renomado e autor de vários livros. Eu vi quase todas as vítimas. E um fato me chamou a atenção. Quando os corpos das ovelhas eram levantados do chão, um líquido estranho saía da boca dos animais, em grande quantidade, como se os órgãos internos tivessem se dissolvido.

"Enquanto outros ataques se registravam e eu insistia em pedir uma explicação, a doutora Tosca Zamboni, do Instituto do Meio Ambiente de Campina Grande do Sul, tentava nos convencer que os casos eram obra de uma suçuarana, pequeno felino que habita a Mata Atlântica. Mas, em contato com veterinários do próprio Instituto do Meio Ambiente, soubemos que a maioria dos animais apresentava ausência de alguns órgãos internos, apesar de não haver nenhuma abertura ou sinal de abertura por onde os órgãos pudessem ter sido removidos. As ovelhas apresentavam apenas pequenos furos nas patas e na região do ventre.

Especialistas atribuíram ataques a matilhas de cães domésticos, abandonados e famintos: mas muitos detalhes permanecem sem explicação

"Outro fato ainda mais misterioso ocorreu com uma das minhas ovelhas. Faltava apenas cinco dias para ela dar cria, quando foi vítimada. Eu a encontrei deitada na lama, ainda com vida. Em todo aquele brejo, as únicas pegadas que estavam registradas eram as da própria ovelha. No mesmo momento levei-a para casa. Imaginei que talvez pudesse salvá-la, ou pelo menos ao feto. Foi quando percebi que apresentava um corte simétrico no topo da cabeça. Dali, havia sido removido apenas um pedaço quadrado, medindo 15x15 centímetros, do couro do animal. O corte era perfeito. Podia-se ver os músculos, tendões e até o globo ocular do animal. Suas orelhas também haviam sido cortadas com precisão cirúrgica.

FETO DESAPARECEU

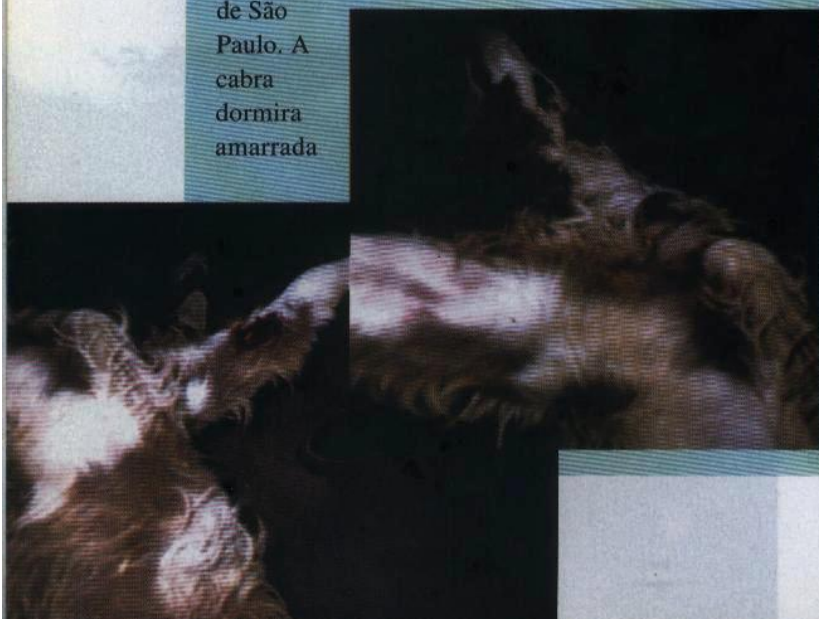
"Apesar dos nossos esforços", continua Meisner, "o animal morreu naquela mesma noite. Por isso, no dia seguinte, juntamente com minha esposa, decidi abrir o abdome da ovelha. Para nosso espanto, ele estava vazio. Não apresentava o feto e nem vários órgãos.

"Procurei os veterinários do Instituto do Meio Ambiente mas eles não deram importância ao fato. Chegaram a dizer que eu estava fantasiando a história.

"Em resumo, de janeiro até a presente data (15 de junho), conseguimos identificar aproximadamente trinta ataques. Mais de noventa ovelhas foram vitimadas. Destas, mais de setenta já morreram e muitas das sobreviventes estão sem condições de recuperação. Ocorreram caos, ainda, com duas vacas e um cavalo, encontrados sem os olhos. Vários outros cavalos e vacas apareceram arranhados no dorso e com cortes estranhos no abdome. Cachorros e gatos foram mutilados e um cervo foi encontrado com o focinho mutilado.

"As autoridades envolvidas no caso não nos prestam nenhuma informação. Agora, mudaram totalmente de opinião e afirmam categoricamente que os ataques são feitos por cães desgarrados".

Cabra sem cérebro em Rafard

No dia 29 de maio passado, uma cabra foi encontrada morta e sem o cérebro no Sítio Santo Antonio, propriedade de Luis Antonio Tonin, no município de Rafard, interior de São Paulo. A cabra dormira amarrada em frente à porta do rancho do caseiro, que não ouviu um único ruído durante a noite. Na manhã seguinte, quando acordou, ele a encontrou morta. Apresentava apenas uma perfuração que começava debaixo do queixo e saía no alto da cabeça e outra que iniciava abaixo de um dos olhos e perfurava o pescoço. O caso foi notificado à polícia que não encontrou nenhum vestígio de tiro ou algo semelhante. As marcas não poderiam ter sido feitas por nenhum predador conhecido. Para realizá-las, foi utilizado um objeto contundente, redondo e longo. O mais estranho é que toda a massa encefálica havia sido retirada, como se tivesse sido aspirada, pelo buraco no alto da cabeça.

Morte silenciosa lembra fatos de Varginha

Nem sempre os animais encontrados mortos em circunstâncias misteriosas apresentam mutilações no corpo. No Brasil há poucos registros de casos assim. Um deles ocorreu no município de Cotia, em São Paulo

Em uma tarde do início de março do ano passado, a proprietária do Sítio dos Gnomos, Jancery Silvia Testa Pompeu, ouviu barulhos estranhos vindos do curral onde pastavam seu cavalo Fumaça e sua égua Xispa. "Parecia um gemido bem grosso. Um som estranhíssimo", contaria ela mais tarde.

O marido de Jancery, Marcos Pompeu, trabalhava, naquele momento, dentro da propriedade em uma área distante da casa. O Sítio dos Gnomos é um destes pequenos paraísos ecológicos existentes nas montanhas que cercam Cotia. Ali, o casal Pompeu conseguiu montar uma área agrícola e de lazer semelhante a poucas na região. Gansos no lago, cabras, cavalos, cães e - coisa rara - até uma leoa tratada por eles desde filhote.

As atividades no sítio começam nas primeiras horas da manhã e só acabam quando a noite já vai alta. Os dois proprietários, assim como o caseiro e sua família, passam o dia todo muito ocupados. Por isso, Silvia nem pensou em chamar o marido quando ouviu os ruídos. Preferiu pedir auxílio ao caseiro, Nei dos Santos, que correu até o local onde se encontravam os animais.

Nei voltou de lá, minutos depois,

arranhado e ensanguentado. O, até então, pacato Fumaça investira contra ele. Dera coices no ar e o jogara contra a cerca de arames farpados, onde feriu os braços e as costas. Mais assustadora era a notícia que trazia de Xispa, a égua. Nei disse que chegou ao curral e ela já agonizava. Morreu antes que quando ele pudesse socorrê-la. Imediatamente, Silvia ligou para o veterinário que, menos de duas horas depois, já havia feito os exames e diagnosticou: "morte por asfixia".

O caso teria acabado por ali se, um mês depois, a mesma "morte por asfixia" não tivesse vitimado também outros animais. Primeiro foi a leoa que, no início de abril e ao contrário do que ocorrera com a égua, começou a apresentar sintomas estranhos antes de morrer. Ela perdeu o apetite e a vitalidade e, mesmo medicada e sob cuidados permanentes, morreu em quatro dias.

Logo em seguida, uma cabra

Nem leoa escapou da morte lenta que dizimou rebanho

começou a apresentar os mesmos sintomas. Morreu em quinze dias, ao mesmo tempo em que gansos também morriam misteriosamente no lago. Alguns estavam nadando normalmente, sem ter apresentado nenhum sintoma anterior, e subitamente morriam. Outros apareciam boiando de manhã, já mortos, com a cabeça dentro d'água. Em uma única ocasião a morte de um marreco foi atribuída a predadores. A ave apareceu morta, sem o pescoço e sem as

Primeiros diagnósticos veterinários falam de "morte por asfixia"

vísceras. Durante o mesmo período - e em menos de dois dias - dez vacas de leite morreram, também sem apresentar sintomas, em um pasto com a grama alta e verdejante.

Assustado, o casal já tentava obter por todos os meios um diagnóstico preciso sobre o que ocorria com seus animais. Mas nenhum dos veterinários que os atenderou conseguiu chegar a uma conclusão. As vacas, apesar de aparentemente saudáveis e bem alimentadas, haviam morrido de "anemia profunda", segundo os especialistas. No caso dos gansos, o diagnóstico era ainda mais assustador. O exame das vísceras de alguns animais constatou que elas estavam em estado avançado de putrefação. O estado destes órgãos, segundo os próprios veterinários, era o de animais já mortos há, pelo menos, dois meses. Apenas o estômago, inexplicavelmente, permanecia intacto.

Enfim, não havia nada que explicasse as mortes. A água, os alimentos, o pasto e tudo que pudesse comprometer a integridade dos animais havia sido submetido a exames toxicológicos e nenhuma irregularidade foi constatada.

ETS DE VARGINHA

A história da égua Xispa, ocorrida na propriedade de Marcos e Jancery Pompeu, em Cotia, tem um contraponto marcante. Durante o episódio dos extraterrestres que teriam sido capturados na cidade de Varginha, Minas Gerais, em 96, há relatos de animais mortos em circunstâncias semelhantes.

Talvez tudo tivesse passado desapercebido se Terezinha Clepf, 67 anos, esposa de Marcos Clepf, importante

Putrefação das vísceras era igual à de animais mortos há mais de um mês

político local, não tivesse saído para fumar na noite de 21 de abril - poucos dias antes da suposta captura dos extraterrestres.

A própria Terezinha só se deu conta da importância do que vira naquela noite uma semana depois, quando animais começaram a morrer de forma inexplicável no Jardim Zoológico da cidade. Uma anta, dois veados, uma arara azul e uma jaguatirica, até então saudáveis, morreram repentinamente. A doutora Leila Cabral, diretora do Zoológico, estava assustada. A anta, apelidada de Banzeco,

um de seus animais favoritos, definhou e morreu em poucas horas. O laudo necroscópico diria que a causa foi contaminação por "substância tóxica não identificada". Logo em seguida, a morte dos veados, foi atribuída a "intoxicação cáustica sem causa aparente". Nos outros três casos o laudo técnico afirma que "não há nada que justifique as mortes".

Quando soube destes casos, Terezinha Clepf lembrou-se do que vira uma semana antes, na noite do dia 21 de abril. Ela estava reunida com o marido e um grupo de amigos, para uma festa de confraternização, no restaurante que existe dentro do Jardim Zoológico de Varginha. Por volta das 21 horas, constrangida porque ninguém ali na mesa era fumante, decidiu ir até a varanda acender o seu cigarro. Sentou-se na cadeira e, enquanto fumava, viu uma criatura estranha recostada na grade metálica que separa a varanda dos jardins do Zoológico. A princípio imaginou que se tratava de um animal solto. Mas ele não se parecia com nada conhecido. Tinha dois olhos grandes, vermelhos e luminiscentes; a pele era marrom e oleosa, a boca era um rasgo horizontal.

Depois de encarar a criatura por alguns minutos, ela voltou assustada para o restaurante. Guardou sua história em silêncio e só a revelou quando os animais começaram a aparecer mortos no Zoológico.

Criação artística reproduz cena vivida por Terezinha Clepf em abril de 96, pouco antes da suposta captura de 2 ETs em Varginha - MG

Bicho aparece, deixa pistas e ganha forma

Em muitas regiões onde ocorreram o fenômeno da morte misteriosa de animais, foram feitos relatos de avistamento de um estranho bicho - às vezes bípede, às vezes quadrúpede - e que mais de uma vez chegou a investir também contra seres humanos. Um dos casos mais conhecidos ocorreu em 95 mas só se tornou público um ano depois.

No início de 96 o líder de um grupo tradicional de formação de jovens campistas da cidade de Americana, interior de São Paulo, procurou o Cepex com uma série de fotografias e um estranho relato. As fotografias mostravam o corpo, já em estado de decomposição, de um animal desconhecido.

O homem que trazia as fotos é um campista experiente. Por razões profissionais ele prefere manter-se no anonimato. Diante dos integrantes do Cepex ele contou que, no início de 95, liderava um grupo de jovens em um acampamento num sítio na vizinha cidade de Capivari. O grupo era acompanhado também por um médico.

Sitiantes falam de seitas satânicas e sacrifício de animais

O sítio onde eles estavam acampados já fora utilizado muitas vezes pelo próprio lider da equipe, com diferentes turmas de excursionistas.

Mas, daquela vez, o grupo foi recebido com apreensão pelo caseiro. Há dias ocorriam fatos estranhos na região. Animais eram encontrados mortos e mutilados. Muitos apresentavam o couro rasgado em tiras, como se tivessem sido cortados por lâminas muito finas e afiadas. Os sitiantes e chacareiros da região, quase todos moradores antigos, não acreditavam que aquelas marcas pudessem ter sido feitas por nenhum predador natural. Desconfiavam que os animais estavam sendo vítimas de sacrifícios realizados por seitas religiosas. Por isso, haviam montado patrulhas armadas que esquadrinhavam a região durante a noite.

O caseiro advertira os campistas, principalmente, para evitar que um equívoco acabasse em tragédia. Temia que uma destas patrulhas os confundisse com integrantes da seita. Por isso, pediu para que todos se recolhessem cedo e avisou: "Caso surja uma patrulha, se identifiquem na mesma hora e falem em meu nome".

Casa de campistas é atacada durante toda a noite por um animal peludo

Na primeira noite, nada ocorreu de anormal. Na segunda, depois de se reunirem ao redor da fogueira e respeitando os avisos do caseiro, os integrantes do grupo recolheram-se cedo. Eles dormiam no interior de uma velha casa de madeira, já quase abandonada, que servia apenas como depósito de ferramentas e paiol.

O ATAQUE

Pouco depois das 2 horas, quando quase todos já dormiam, os animais domésticos se alvoroçaram. Cães ganiam e gemiam, como se estivessem sendo atacados. O barulho intenso acordou todo o grupo. E eles estavam assim, atentos e assustados, quando ouviram passos pesados e firmes, seguidos de uma respiração ofegante, circundando as paredes da casa.

Este movimento demorou quase uma hora. A porta foi forçada várias vezes, gerando o pânico entre os campistas. A certa altura, eles ouviram um baque violento, como se um corpo estivesse se jogando contra a porta. E então tudo ficou em silêncio. O ruído dos passos e a respiração ofegante se afastou para longe. Neste momento, pela primeira vez, o líder do grupo e o médico ousaram abrir uma das janelas da casa. E foi então que viram.

O animal que os atacara não

Fotos de estranho animal encontrado morto aparecem depois de um ano

era semelhante a nada conhecido. Estava em pé, a cerca de 30 metros da casa, agarrado a uma árvore e arranhando o tronco como se afiasse as garras. Naquela posição, aparentava cerca de 1,80 metros de altura e tinha o corpo inteiro coberto por pêlos escuros. Quando sentiu que estava sendo observado, o animal correu novamente em direção à casa, sobre quatro patas, e investiu pesadamente contra a porta.

Depois, desapareceu nas matas próximas, deixando no ar

um cheiro forte de carniça.

AS FOTOS

Apesar do pânico daquela noite, o sol da manhã seguinte restabeleceu a confiança ao grupo e eles optaram por seguir o plano original e permanecer ali por mais dois dias. A certa altura, enquanto andavam pelas matas próximas, observaram uma revoada de urubus e decidiram se aproximar.

O que viram ali jamais foi explicado: o cadáver atacado pelos urubus era o de um estranho animal. Sua cabeça e tronco estavam com a pele totalmente arrancada e, abaixo da cintura, apresentava um pêlo espesso e negro. Três orifícios profundos, como se tivessem sido feitos por um arma de fogo de grosso calibre, formavam um triângulo na região do tórax e do ventre.

A parte superior do corpo era musculosa e forte; as patas anteriores pequenas. "O bicho não se parecia com nada que conhecíamos e, também, não era igual àquele que tinhamos visto na noite anterior", contou o líder do grupo.

Os campistas ainda tomaram o cuidado de investigar os arredores e descobriram inúmeras pegadas deixadas por pés muito grandes, arredondados e com três garras profundas. Estas pegadas não se pareciam em nada com as patas - bem menores - daquele bicho encontrado morto. Perto

do corpo, ainda, eles notaram que o capim apresentava uma cor amarelada, diferente do capim verdejante dos arredores.

Como um dos campistas portava uma pequena máquina fotográfica, o que restava do filme - três fotogramas - foram utilizados para registrar os detalhes daquele corpo desconhecido. São estas as fotografias que o líder do grupo levou ao Cepex, um ano depois, no início de 96.

O Cepex encaminhou estas fotos para vários especialistas. Nenhum deles conseguiu identificar, por seus traços morfológicos, que tipo de animal era aquele.

Pescadores fotografam animal desconhecido

No final de maio passado, três moradores da cidade de Rafard - que pedem para se manter anônimos - fotografaram um animal desconhecido às margens do açude São José, num lugar chamado Passagem da Pedra, nas redondezas da cidade. Era noite e o grupo, como costuma fazer com frequência, pescava em uma das margens do açude. Por volta das 20 horas, quando já estavam recolhendo seus utensílios, ouviram um ronco estranho vindo do interior de uma pequena ilhota, cercada por taboas, bem em frente ao local onde se encontravam. "Logo começamos a ouvir também um barulhão de mato quebrando", relatou um dos pescadores.

Pensaram tratar-se de algum animal selvagem e, como estavam desarmados, ficaram atentos e assustados. Foi então que o bicho irrompeu na margem da ilhota, entre as varas de taboas, numa região alagada e pantanosa. De onde estavam, não conseguiam divisar do que se tratava. "Como o bicho ficou quieto, pensamos que era uma capivara e respiramos aliviados", contou o pescador. Um dos integrantes do grupo trazia uma pequena máquina fotográfica na bolsa e decidiu registrar a imagem. "Agi com a maior naturalidade. Fiz a foto e fomos embora. O flash é muito rápido e, é claro, não conseguimos ver nada", diria ele.

O filme ainda ficou quase uma semana guardado. Só quando o revelou, o pescador se deu conta de que fotografara um animal muito estranho. Mostrou a fotografia a vários amigos e, dias depois, ela acabou chegando ao pessoal do Cepex. A imagem, muito escura na foto original, foi computadorizada. O Cepex suspeitou que poderia tratar-se de um símio de grande porte, talvez foragido de algum circo ou zoológico das redondezas. Por isso, procurou especialistas do Museu de Zoologia da Unicamp - Universidade Estadual de Campinas. Eles foram taxativos: "Este animal não existe. Só pode tratar-se de uma fraude".

A fotografia foi encaminhada para especialistas em análise de imagens da própria Unicamp na tentativa de detectar uma possível fraude. Eles a submeteram aos seus computadores e descartaram qualquer indício de sobreposição de imagens. A foto realmente havia sido feita no local. Uma equipe do Cepex foi até lá e relatou: "Trata-se de uma área de acesso muito difícil, onde só se pode chegar por barco. Para chegar no ponto exato onde se encontra o animal da foto, qualquer homem de estatura mediano teria que caminhar dentro do charco com lama até a altura da barriga". Se houve fraude, exigiu muito esforço.

Chupa-cabras deixa seus rastros na terra

Em março de 96, em alguns sítios e chácaras da cidade de São Roque, interior de São Paulo, inúmeros animais foram encontrados mortos em circunstâncias misteriosas. Os casos eram semelhantes a quase todos os outros ocorridos em diferentes regiões do país. Mas ali, na propriedade do sitiante Shyomi Iti, seriam encontrados pela primeira vez os registros de pegadas atribuídas ao chupa-cabras.

Em uma manhã do final do mês de março daquele ano o caseiro da propriedade encontrou, dentro do curral de ovelhas e cabras, uma ovelha e dois carneiros mortos.

Os animais apresentavam marcas de mordidas pelo corpo mas, principalmente, estavam sem sangue nenhum, como se todo ele tivesse sido drenado por uma das feridas.

Num primeiro momento, este caso - como os outros ocorridos na região - foi atribuído ao ataque de algum predador natural. Sitiantes experientes sabem que cachorros de grande porte, mesmo os mais domésticos e aparentemente pacatos, podem se transformar em vorazes predadores depois que descobrem

Pegada encontrada em propriedade rural de São Roque, interior de São Paulo. No destaque, integrande do Cepex faz molde de gesso

a passividade das ovelhas. Não são frequentes, mas existem descrições de casos de cães, inclusive pastores, que fazem das ovelhas o principal alvo de seu botim. Alguns chegam ao requinte de se fartar apenas do sangue de suas vítimas, depois de estraçalhar-lhes a jugular. Por isso, os casos ficaram restritos às conversas de fim de noite, contadas ao pé do fogo ou nas mesas dos botecos.

Mas, certa tarde, quando cuidava de sua plantação de alcachofras no Sítio Pessegueiro, no bairro de Sorocamirim, nos subúrbios da cidade, o agricultor Eduardo Roberto de Moraes levou um susto. Seu dia de serviço já quase chegava ao final e ele estava debruçado sobre uma bica, tomando água, quando viu - claramente registrado no solo úmido - um longo rastro de pegadas. Em alguns pontos, as marcas se aprofundavam na terra por mais de cinco centímetros.

Animais são encontrados mortos. Então sitiante vê as pegadas do bicho

Com 51 anos de idade, Eduardo Roberto vivera toda a sua vida na região. Imaginava conhecer cada um dos bichos que andava por ali. Mas jamais vira pegadas semelhantes. Rapidamente sua história chegou aos ouvidos dos vizinhos e, dois dias depois, o grupo de pesquisas ufológicas GCPDV, de São Roque, foi avisado e aportou no sítio ainda em tempo de registrar, em moldes de gesso, os detalhes das pegadas.

O molde evidencia uma protuberância ovalada: a planta do pé e as garras

Avaliados por biólogos, estes moldes ainda permanecem inexplicados. Eles mostram patas com mais de 15 centímetros de comprimento e garras longas, diferentes das de qualquer animal conhecido.

bicho esbarrou na cerca e o impacto dos arames fez com que voltasse para trás e caísse de costas", contou Alaor. Rapidamente o animal levantou-se e com agilidade incomum deu um único pulo e transpôs a cerca.

Em menos de um minuto ele chegou muito perto do tratorista. Novamente esbarrou na cerca. Mas, desta vez, impedido pelos arbustos de primavera, não tentou saltá-la. Enfiou-se entre dois fios de arame e forçou passagem com violência. Mas o vão era muito estreito e, depois de alguns segundos, ele desistiu. Novamente mostrando grande agilidade, deitou-se no chão e rolou por baixo da cerca, ganhando a estrada. "Quando chegou a este ponto, ele estava muito perto de nós, menos de quatro metros, e eu fiquei assustado. Peguei a primeira coisa que encontrei pela frente, uma pedra enorme, e fiquei ali, pronto para me defender caso ele atacasse", contaria Alaor.

Chupa-cabras pula cerca de arames e fica cara a cara com o tratorista e seu filho

Foi então que, pela primeira vez, o animal parece ter se dado conta da presença dos observadores. Olhou para eles, arreganhou os dentes e começou a andar vagarosamente em sua direção.

Assustados, Alaor e o filho esqueceram a pedra e saíram correndo para o trator. Assim que se aboletaram, já prontos para dar partida, olharam para trás e perceberam que o animal se afastara, na direção contrária, cerca de 40 metros. Logo ele transporia novamente a cerca de primaveras e desapareceria na encosta de um vale, com o mesmo trote desengonçado.

A descrição detalhada que os dois forneceram do estranho animal merece registro: tinha pouco mais de 1,5 metro de altura, a cabeça semelhante a de um cachorro com os dentes caninos muito grandes - cerca de dez centímetros. O peito, arrendondado e forte se assemelhava a um tonel. As

Polícia faz retrato falado do bicho

O delegado da Polícia Civil de Passos (MG), Carlos Augusto da Silva, instaurou um inquérito policial para descobrir a natureza e a origem da estranha criatura que, a princípio, ele imaginava ser de algum animal selvagem que escapara de cativeiro ilegal.

A história começou na manhã do dia 18 de junho de 96. Naquele dia, Luciano Olimpio dos Reis, um caboclo de 22 anos, com mais de 1,90 metros de altura e músculos fortes desenvolvidos em seu trabalho pesado de ajudante-geral de fazenda, foi à delegacia reclamar de um ataque que sofrera na noite anterior.

Luciano contou que voltava para casa, por volta das 23 horas, quando ouviu um ronco estranho. Achou que era cachorro e não se incomodou. Mas, não deu mais do que cinco passos e um animal peludo pulou na sua frente e tentou abraçá-lo. Luciano, assustado, golpeou-lhe o peito e, mesmo com arranhões nos braços ele conseguiu escapulir. Foi perseguido por quase um minuto, enquanto corria em disparada pela estrada, até que apareceu um cavalo e a

pernas dianteiras, também fortes e longas, com grandes pa[illegible] garras, contrastavam com a p[illegible]te posterior do corpo, mais fina e aparentemente frágil, de onde [illegible]m pernas semelhantes às de [illegible]ção. O corpo do animal era totalmente coberto por uma pelagem longa, ondulada e fulva, clara na região do ventre e com uma linha mais escura ao longo de todo o dorso.

O tratorista Alaor e a marca da pegada deixada no solo: dentes grandes e um rosnado que não se assemelhava ao de nenhum bicho conhecido

As marcas deixadas no solo úmido são muito parecidas com as pegadas registradas pelos integrantes do Cepex no canteiro de alcachofras do sitiante de São Roque da Fartura.

criatura foi atrás dêle, deixando Luciano em paz. Na mesma hora o rapaz procurou a Polícia Militar e pediu ajuda. O comandante do posto escalou uma equipe para ir até o local, investigar a denúncia.

Os policiais ainda tentavam identificar as pegadas encontradas ali quando receberam - pelo rádio da viatura - a informação de que outros moradores das redondezas também haviam acionado a PM, depois de terem visto o estranho animal rondando seus quintais. Um dos policiais que atendeu ao chamado chegou a ver o bicho correndo por um terreno descampado até desaparecer em uma pequena mata das redondezas.

O delegado Silva conhecia Luciano e sua família de longa data. Desde que nascera, Luciano vivia na mesma casa no sítio dos pais e seguia a mesma rotina de trabalho em propriedades agrícolas da região. Por isso, o delegado acreditou na história e resolveu investigar. Mandou que ele fosse examinado pelo Instituto Médico Legal, mas os especialistas não chegaram a nenhum laudo conclusivo sobre a natureza das feridas encontradas em seu corpo. O delegado interrogou, ainda, outras pessoas que haviam avistado o animal na mesma noite.

O resultado foi o retrato falado do animal, feito por um desenhista do jornal *Estado de Minas* e anexado aos autos do inquérito. O que surpreendeu os pesquisadores que investigavam a história foi a semelhança do bicho com aquele descrito por dezenas de outras testemunhas de diferentes regiões. Este mesmo animal é muito parecido com a estranha criatura que recebeu, a partir de 1995, o nome de chupa-cabras, na ilha de Porto Rico, na América Central. Naquele ano, uma grande onda de mortes e mutilações misteriosas de animais também foi registrada naquele país.

Animais mutilados em três países: o começo do mito

O nome Chupa-Cabras foi criado em 95. Mas vinte anos antes, em Porto Rico, na América Central, uma onda de mutilações semelhantes deu origem ao mito do "Vampiro da Moca". Em alguns casos os animais mutilados apresentavam forte radiatividade e substâncias desconhecidas

O fenômeno chupa-cabras ganhou este nome - e notoriedade mundial - em março de 1995, quando o locutor e jornalista Arnaldo Garcia, da Rádio Cumbre, da cidade de Orocovis, em Porto Rico, na América Central, decidiu romper uma antiga cortina de silêncio.

Garcia utilizou-se de seu espaço na emissora de rádio local para relatar uma sucessão de casos de animais mortos ou mutilados em circunstâncias misteriosas. Ovelhas, bois, cabras, cachorros, galinhas e gansos apareciam mortos com feridas que não poderiam ser atribuídas a nenhum predador conhecido. Na maior parte dos casos, os corpos dos animais apresentavam orifícios perfeitos, através dos quais haviam sido extraídos os órgãos internos, como coração, fígado, glândula hipófise e sistemas reprodutivos. Em todos os casos, os animais eram encontrados praticamente sem sangue nenhum.

Quando Garcia decidiu tornar públicas estas histórias, ele tinha em seu poder uma grande profusão de relatos, testemunhas e provas. Assim que estas informações começaram a ser divulgadas, assumiram uma proporção que rapidamente fugiu ao seu controle. Novos

Cabra encontrada morta nos EUA: sem as vísceras, sem o cérebro e com mutilações inexplicáveis em várias partes do corpo

relatos, em grande quantidade, começaram a chegar a ele e a outros órgãos de comunicação. Em poucos dias a história cruzou as fronteiras de Porto Rico. Relatos semelhantes surgiram no México e em outros países da América Central.

O tema ganhou manchetes de importantes jornais do mundo e

Antes de virar chupa-cabras, ele foi chamado de "Vampiro da Moca" em Porto Rico

passou a ser vasculhado por uma legião de repórteres e investigadores do insólito. Descobriu-se, revirando os arquivos dos jornais, que vinte anos antes, na mesma ilha de Porto Rico, na província de Moca, dezenas de animais já haviam aparecido mortos em circunstâncias semelhantes. Na época, os jornais atribuíram os ataques a um ser estranho, que foi chamado de "Vampiro da Moca".

Cortes precisos na pele e ossos limpos como se tivessem ficado expostos ao sol por vários dias

Mas as características das marcas deixadas nos animais mortas durante aquela onda de violência ocorrida em Porto Rico nem de longe poderiam ser atribuídas a um coloquial vampiro.

CORTES E RADIOATIVIDADE

Ao longo de vários meses, durante quase todo o primeiro semestre de 1975, ovelhas, bois, vacas, veados, cabras, cachorros e aves apareceram mortos ou mutilados de maneira misteriosa em várias províncias de Porto Rico. Os animais apareciam com cortes profundos, perfeitos e limpos em seu corpo. Todo o sangue dos animais também havia sido extraído. Foi esta, certamente, a razão do surgimento da lenda do "Vampiro da Moca".

O que mais surpreendeu os especialistas que investigaram o fonômeno neste tempo foi a presença de forte radiação ao redor do local onde haviam sido registradas algumas ocorrências. Um dos casos mais conhecidos ocorreu em plena área metropolitana, no condomínio residencial Los Angeles, periferia da cidade de Ilha Verde, no município de

Carolina.

Muito cedo, antes das 6 horas do dia 6 de abril daquele ano, um dos moradores do condomínio, o empresário Buenaventura Bello, acordou sobressaltado. Todas as manhãs, ele era despertado pelo grasnar dos 18 gansos que viviam em seu quintal. Logo que o sol nascia, eles iniciavam um barulho intenso e só paravam quando Bello descia até o quintal e os alimentava.

Naquele dia Bello acordou com o sol já invadindo seu quarto. Assustado com o silêncio, abriu a janela e horrorizou-se. Todas as aves estavam mortas e seus corpos cuidadosamente alinhados, formando um grande círculo sobre a grama.

Ao examiná-los detidamente, Bello descobriu que todos apresentavam perfurações de

Radioatividade provoca câncer depois de ataque a gansos em condomínio

cerca de 50 milímetros de diâmetro. Ao redor destas feridas, as penas haviam sido totalmente retiradas. Nenhum dos gansos apresentava uma única gota de sangue.

Bello estranhou, durante todo o episódio, o comportamento de sua cachorra, uma pastora alemã de quatro anos. Nunca, ninguém, ou nenhum animal, ultrapassou os limites da propriedade sem que ela desse aviso, latindo e atacando o intruso. Mas, naquele dia, ela permaneceu em completo silêncio. Assim que Bello abriu a porta, entrou correndo para dentro de casa, gemendo e com

Órgãos inteiros retirados por perfurações de 2 cm no ventre dos animais

o rabo entre as pernas. Este comportamento se repetiria ao longo dos dias seguintes: a cachorra tinha medo de voltar ao quintal e permanecia o tempo todo recolhida no interior da casa.

Assustado com o que viu, Bello chamou imediatamente a polícia. Minutos depois, uma patrulha do Quartel General da Polícia de Porto Rico chegava à sua residência. Eles fizeram uma investigação pormenorizada de tudo e, poucas horas depois que saíram, um oficial de alta patente procurou Bello. Deu ordens expressas para nem ele nem sua esposa se aproximassem do local onde os gansos haviam sido encontrados e comunicou-o que uma equipe especializada já estava vindo da Capital, especialmente para investigar o caso.

De acordo com Bello, a equipe sequer identificou-se quando chegou em sua casa. Eram cinco homens, todos protegidos por roupas e máscaras anti-radioativas. Eles traziam equipamentos pesados e aparentemente sofisticados. Examinaram, durante quase duas horas, os corpos dos gansos e a região do quintal onde eles haviam sido encontrados. Na saída, ordenaram ao casal e aos diversos policiais que se encontravam por ali, para que não se aproximassem, em hipótese nenhuma, do local ou dos animais, até segundo aviso. Uma hora depois, outro grupo apareceu para recolher os animais mortos.

Nas semanas seguintes, agentes em trajes civis se revezaram 24 horas por dia na porta da residência. Um deles, antes de ir embora, aconselhou Bello a mudar-se dali. Disse que, naquele quintal, havia alguma coisa muito perigosa para sua esposa.

Depois disso, os agentes desapareceram e Bello jamais voltou a ser procurado. Mas a história ainda não acabara: em menos de um mês a cachorra do casal começou a ficar amuada, perdeu a fome e apresentava sintomas de extrema debilidade.

Detalhe de mutilação: corte preciso e paredes cauterizadas

O veterinário que a examinou disse que ela estava com cancêr já em estado muito avançado, e os aconselhou a sacrificá-la.

Assustado com a rapidez com que a doença tomara conta da cachorra, o casal mudou-se imediatamente da casa.

CALOR INTENSO

Casos como o de Bello ocorreram em profusão ao longo daquele ano de 1995 em Porto Rico. Nos meses seguintes eles se espalhariam também pelo México. Assim como no Brasil, logo a história do chupa-cabras se transformou em furor nacional. Especialistas entraram em cena, na tentativa de explicar o fenômeno. Em muitos casos foi descoberto que tratava-se da ação de predadores naturais. Mas esta hipótese está longe de explicar toda a extensão do fenômeno.

Nos arredores da mesma cidade de Moca, onde surgiu a lenda do "Vampiro da Moca", mais de vinte cabras foram encontradas mutiladas, em uma só noite, na propriedade do sitiante Hector Vega. O técnico em radiologia da Defesa Civil local, Luis Urbina, examinou a região com o seu contador Geiger e constatou uma reação de radiotividade da ordem de .008 a .012 roentgens.

Desenho é semelhante ao retrato do chupa-cabras feito na América Central

Outras dezenas de animais mortos e mutilados foram exaustivamente analisados. Quase todos eles apresentavam perfurações idênticas às encontradas nos gansos do casal Bello. Estas feridas, normalmente, penetravam alguns centímetros no interior do corpo dos animais. O instrumento que fizera as perfurações tinha a capacidade de cauterizar imediatamente as feridas, emitindo um calor muito intenso.

O mais impressionante é que, embora estes orifícios sempre fossem pequenos, alguns animais apareciam com orgãos inteiros - como coração e fígado - completamente extirpados. Em alguns casos, foi verificado que o cérebro do animal havia desaparecido, sem que o crânio tivesse sido tocado.

EUA já tem registro de quinze mil casos

Em 1995, quando as histórias do chupa-cabras de Porto Rico ganharam notoriedade mundial, o mundo descobriu também que os casos de mortes de animais em circunstâncias misteriosas já ocorria em profusão há muitos anos pelos Estados Unidos. Levantamentos feitos no início de 96 revelam, naquele país, registros de mais de 15 mil casos desta natureza. Centenas deles foram exaustivamente investigados por especialistas.

A bióloga Linda Moulton Howe publicou, em 95, o livro mais completo que existe sobre o assunto nos EUA. "Glimpses of Other Realities - Fact's and eye Witnesses" apoia-se inteiramente em análises feitas por especialistas de diversas áreas - biólogos, veterinários, médicos, fisiologistas e físicos. A grande quantidade de documentos e provas laboratoriais descarta completamente a possibilidade das mortes terem ocorrido por obra de predadores naturais. Alguns casos descartam até a ação humana.

O PRIMEIRO CASO

Em um jornal da cidade de Denver, no Colorado, foi

encontrado o primeiro relato publicado na imprensa sobre o assunto. A história ficou conhecida como "O Caso da Égua Lady".

No final da tarde de 7 de setembro de 1967, em uma fazenda no Vale de São Luis, sul do estado de Colorado, EUA, o rancheiro Harry King viu pela última vez um dos animais favoritos de sua família. Ele deixou a égua Lady, uma appaloosa de três anos que pertencia a sua irmã Neille e ao seu cunhado Berle Lewis, em um pasto próximo à casa onde viviam.

Harry esperava que Lady repetisse o ritual de todos os dias. Logo no início da noite ela se dirigia às proximidades da casa para tomar água e dormir. Mas, naquela noite, Lady não veio.

Quando percebeu isso, na manhã seguinte, Harry dirigiu-se ao pasto. A cena que viu foi aterradora: Lady estava morta, jogada sobre a grama, com a pele, a carne e os tecidos totalmente arrancados da metade do corpo e até a cabeça. O esqueleto, nesta parte, apresentava-se branco e limpo, como se tivesse ficado exposto ao sol por vários dias. O resto do corpo de Lady não havia sido tocado; o couro e a carne foram cortados com uma precisão que, segundo Harry, "não seria possível nem com uma afiada faca de caça".

Ao redor do corpo não haviam marcas de pegadas nem manchas de sangue. Apenas uma substância verde que produziu, nas mãos de Nellie, uma dor intensa que perdurou por uma semana.

No dia seguinte o corpo de Lady seria examinado pelo médico John Henry Altshuler, doutorado em patologia e hematologia e responsável pelo setor de patologia do Centro Médico Rose da cidade de Denver, no Colorado.

Na ocasião, Altshuler recusou-se a revelar o resultado de seus exames. Ele só o faria muitos anos depois, no início dos anos 90, já como professor clínico de Medicina e Patologia do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Colorado, em Denver, assim que uma quantidade muito grande de casos semelhantes se tornou pública.

Seu depoimento, hoje, é conhecido no mundo inteiro: "(Quando tudo ocorreu) Eu era

Milhares de casos foram exaustivamente pesquisados por especialistas em várias regiões dos Eua: sem explicações

A língua e até os dentes de muitos animais mutilados são extraídas com técnicas cirúrgicas desconhecidas pela medicina moderna

jovem. Temia perder meu trabalho. Minha carreira terminaria ali se meus colegas soubessem que eu estava investigando estes fenômenos. (...) Quando me aproximei da égua vi que ela tinha um corte preciso, uma incisão limpa e vertical, nas bordas do qual havia uma cor escura, como se a carne tivesse sido aberta e cauterizada por um instrumento cirúrgico cauterizante, como um laser moderno. Mas, em 1967, não existia tecnologia para uma cirurgia laser como aquela. Quando, hoje em dia, cauterizamos para controlar o sangramento, a carne se mantém suave ao tato. Mas as bordas do corte daquela égua eram rígidos como couro endurecido. Retirei amostras dos tecidos destas bordas e, mais tarde, analisei-as ao miscroscópio. No nível celular havia descoloração e destruição consistentes com as mudanças causadas por queimaduras. (...)

Tecidos separados no limite de membranas celulares por tecnologia muito avançada

Mas o mais assombroso era a ausência de sangue. Realizei centenas de autópsias. É impossível cortar um corpo sem que se deixe algum sangue. Mas não havia sangue nenhum na pele, no animal ou no solo. Diversos órgãos haviam sido retirados. Era uma dissecação incrível de órgãos, sem nenhuma evidência de sangue".

A história de Lady, mesmo sem o depoimento de Altshuler, foi publicada na edição do dia 7 de outubro de 1967 no jornal The Pueblo Chieftain, de Denver. Trata-se, até onde se sabe, da primeira reportagem publicada no mundo sobre animais mutilados em circunstâncias misteriosas.

Este fato, na época, foi imediatamente associado a extraterrestres. Justamente naqueles dias, uma profusão de luzes havia sido avistada no céus de Denver, a ponto de atrair a atenção de jornais e emissoras de televisão dos Estados Unidos.

CIENTISTAS INVESTIGAM

Desde o registro do caso da égua Lady, histórias semelhantes nunca deixaram de ocorrer nos EUA. Em algumas regiões chegaram a ser tão frequentes que as autoridades foram obrigadas a intervir para afastar o pânico da população. Sempre que isso ocorria, eram emitidos laudos atribuíndo os ataques a lobos, coiotes, abutres, felinos ou cães.

Em inúmeras ocasiões estes laudos foram contestados por outros especialistas. Num dos casos, o próprio John Altshuler, o mesmo médico que analisara a égua Lady, realizou investigações minuciosas.

O caso ocorreu no dia 10 de março de 1989. Cinco vacas prenhas apareceram mortas em uma propriedade rural no Condado Hempestead, no Arkansas. Como já haviam ocorrido casos semelhantes nos dias anteriores, as autoridades locais se apressaram em emitir laudos técnicos, atribuindo os ataques à bandos de coiotes que existem na região.

Nenhuma técnica humana seria capaz de arrancar a carne daquela maneira

Mas uma dupla de investigadores não se conformou com isso e pediu ajuda ao médico Altshuler que, desde o caso da égua Lady, aguçara sua curiosidade para estes fenômenos. Através de um potente microscópio Reichart Microstar IV, o médico analisou os tecidos das regiões feridas do corpo das vacas. Ele próprio se assustou com o que viu. Todos os cortes haviam sido feitos muito rapidamente, não demorando mais do que um ou dois minutos para cada vaca. O tipo de instrumento utilizado tinha que ser muito quente, algo assim como um feixe de raios laser.

Segundo Altshuler, um equipamento laser para fazer este tipo de corte pesaria ao menos 200 quilos e teria o tamanho de uma escrivaninha comum. Um equipamento destes, avaliado na época em US$ 20 mil, deveria ter ainda um sofisticado sistema de segurança para garantir seu funcionamento. Em outras palavras, a morte daqueles animais jamais poderia ter sido atribuída a coiotes ou qualquer

outro tipo de predador comum.

LÍQUIDO ESTRANHO

Outro caso com estas características e também exaustivamente investigado havia ocorrido anos antes, em 81, no Condado Weld, no Colorado, um dos estados onde são mais frequentes as ocorrências de animais mortos e mutilados em circunstâncias misteriosas. Ali, a professora de ciências da Escola Briggsdale, Iona Hoeppner, também decidiu contestar a versão oficial, proferida pelo xerife local, que atribuía a coiotes e lobos a morte de uma ovelha encontrada mutilada de maneira incomum.

Iona Hoeppner é formada em ciências químicas, físicas e biológicas em três diferentes universidades norte-americanas. Também conhecia os predadores locais e por isso desconfiou que a versão do xerife estava longe de ser real. Por conta própria, colheu amostras dos tecidos e do sangue do animal. O sangue foi difícil de obter, pois a ovelha estava quase completamente dessangrada. Mesmo perfurando a carótida com a agulha da seringa, ela obteve apenas 5 centímetros cúbicos de sangue. Durante este trabalho de coleta, ela observou também pequenos restos de um líquido avermelhado em duas regiões do pêlo da ovelha e também no solo, ao seu lado. O líquido não evaporava e também não era absorvido pelo terreno. Como a língua do animal havia sido cortada, ela retirou amostras do interior da boca.

Assim que chegou aos laboratórios da escola, a professora preparou as amostras para análise e trabalhou nelas até altas horas da noite. Na manhã seguinte o laboratório havia sido arrombado e todas amostras retiradas dalí. Além das amostras, o ladrão não levara mais nada. E ele parecia saber com surpreendente exatidão, o local onde se encontravam quase todas as amostras. Apenas um pedaço de pele da ovelha morta, que estava congelado no refrigerador, fora deixado para trás.

Imediatamente, e em companhia da diretora da escola, ela registrou uma queixa na polícia e, com base nela, conseguiu autorização do xerife para realizar nova coleta de material. Mas, desta vez,

Bezerro praticamente sem outras mutilações pelo corpo, além da retirada dos órgãos da cavidade bucal e parte dos dentes

após preparar os tecidos para análise, lançou mão de um artifício. Escondeu as amostras verdadeiras e colocou em seu lugar tecidos de animais comuns. Na manhã seguinte, o laboratório apareceu novamente arrombado e as amostras falsas roubadas.

Assustada com a persistência e ousadia do ladrão, ela suspendeu suas aulas naquele dia, adiou todos os compromissos e dedicou-se exclusivamente à análise das amostras.

O líquido vermelho encontrado no solo era uma substância orgânica, menos densa que o sangue e absolutamente estéril. Apesar de ter ficado todo aquele tempo em contato com o solo, não apresentava uma única bactéria. O exame microscópico do líquido revelou alguns constituintes muito estranhos: retângulos medindo 10x3 microns, com estrias de cerca de 2 microns cobrindo sua superfície. Algumas gotas deste líquido, que haviam ficado na terra, ao redor de onde a ovelha

Especialistas rompem silêncio e garantem: não há como explicar as mortes

foi encontrada, só foram absorvidos pelo solo depois de duas semanas.

Os cortes nos tecidos retirados da ovelha não poderiam ter sido feitos através de nenhuma tecnologia conhecida pela ciência moderna. Nem uma única célula havia sido destruída ou afetada. De maneira impressionante, a incisão havia sido feita entre as células, como se elas tivessem sido separadas umas das outras exatamente ao longo de suas membranas. "A tecnologia humana ainda não conta com meios para fazer este tipo de corte entre células e separá-las desta maneira", diria Hoeppner.

Estranhezas deste tipo ocorreram em inúmeros outros casos. Em alguns deles foram encontrados estranhos cristais ao lado dos animais mortos. Em determinadas circunstâncias, estes cristais agem como bactérias capazes de devorar tudo o que vêem pela frente - madeira, borracha, tecidos - em outras, agem como minerais inertes.

Estas circunstâncias levaram até os pesquisadores mais céticos a atribuir a extraterrestres grande parte dos ataques.

Humano mutilado: Um caso inédito no mundo

Em 88 o corpo de um homem foi encontrado com mutilações que nem os médicos legistas conseguiram explicar. É o primeiro relato conhecido de uma história desta natureza

Em 1988 um homem, cuja identidade só seria descoberta muitos meses depois e, mesmo assim, mantida em sigilo, foi encontrado morto às margens da Represa Guarapiranga, em São Paulo. As marcas encontradas em seu corpo eram assustadoras. Durante anos, o caso foi mantido em absoluto segredo pela Polícia Civil e pelos médicos do Instituto Médico Legal - IML, de São Paulo, que estudaram exaustivamente as mutilações do corpo. As marcas, segundo eles, haviam sido feitas por um tipo de tecnologia totalmente desconhecida pela medicina moderna. Nenhum dos médicos chegou a conclusão alguma. O caso foi arquivado e certamente permaneceria esquecido para sempre se não fosse a insistência da professora Encarnación Zapata Garcia.

Em 93, quando se aprofundava no estudo de casos de animais mortos em circunstâncias misteriosas nos Estados Unidos, Encarnación tomou conhecimento da história de Guarapiranga e decidiu investigá-la. Parte daquilo que descobriu foi publicado, naquele mesmo ano, pela revista UFO, editada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores, de São Paulo. O assunto passou ao largo do interesse da imprensa e permaneceu praticamente distante do conhecimento do público.

Este caso, com a profusão de detalhes revelado por Zapata, é o único que se conhece na história mundial da ufologia. De acordo com ela, pode ser a primeira confirmação de que as mutilações feitas em animais - "com certeza por extraterrestres" - também estão sendo feitas em seres humanos.

O depoimento de Encarnación Zapata Garcia

O corpo foi encontrado com o calção que foi retirado e reposto

revela toda a extensão do caso: "Tomei conhecimento do Caso Guarapiranga através do meu amigo Rubens Sergio Góes, médico dermatologista na capital paulista que, por sua vez, soube do mesmo através de seu primo, Rubens Silvestre Marques, perito criminal do Estado de São Paulo, hoje aposentado. Há cerca de um ano, Rubens Sérgio convidou-me para ver uma fotos estranhíssimas. Eram todas de um cadáver encontrado em circunstâncias inusitadas nas margens da represa de Guarapiranga, próxima a São Paulo. Pela descrição que fizera das mesmas, suspeitávamos de algo incomum envolvendo aquele homem morto nas fotos. Mas, quando tive as fotos em mãos, senti um calafrio por todo o corpo.

"Já tinha visto a morte

"Podemos observar que no rosto do cadáver ocorreu a retirada de extenso pedaço da pele na parte superior e inferior das mandíbulas produzidos por instrumento cortante. Remoção do pavilhão auricular apresentando corte em bisel (oblíquo) e remoção das partes moles. Remoção parcial do pavilhão auricular esquerdo e com sinais de reação vital. Enucleação dos globos oculares com restos de sangue nas cavidades oculares. Remoção da cavidade oral, faringe e orofaringe".

"As regiões axilares direita e esquerda apresentam uma solução de continuidade circular com diâmetro de 4 cm e margens uniformes com sinais de reação vital e remoção das partes moles. A vítima sofreu feridas incisas superficiais e infinitas produzidas por objeto cortante em toda a superfície anterior: tórax, abdomem, mebros superiores direito e esquerdo, membros inferiores direito e esquerdo. Os músculos do peito se encontravam rompidos e soltos no subcutâneo".

"A massa muscular do membro superior direito se acha separada da articulação e deslocada até o terço proximal do braço direito e também se evidencia no antebraço esquerdo".

"Enucleação da cicatriz umbilical apresentando orifício circular com aproximadamente 3 cm. O abdomem se acha bastante deprimido".

"Incisão alargada de formato elíptico com diâmetro de 3x1,5 cm na prega iguinal esquerda. Remoção da bolsa escrotal. Incisão ampla ovalada junto ao períneo e indicativo da intenção de reproduzir um órgão feminino ou de remoção do pênis. Musculatura direita e esquerda retirada do terço proximal".

antes, e em várias circunstâncias, mas aquelas fotos retratavam-na de forma bem diferente. Estudei-as detidamente servindo-me de uma lupa potente e anotei tudo o que vi com detalhes. Conforme analisava cada uma das sete fotos coloridas e de dramática realidade, vinham a minha mente as imagens que todos nós conhecemos, de animais mutilados por extraterrestres nos Estados Unidos e em outras partes do mundo.

"A semelhança entre os cortes e ferimentos no cadáver e os cortes em animais mutilados por ETs em todo o planeta era impressionante, tanto que estranhei que Rubens, um médico, não tivesse ido adiante com uma

Processo desapareceu dos arquivos do IML paulista e aumentou o mistério

investigação sobre o assunto - embora tivesse justificado isso com sua falta de tempo. Assim, percebendo meu interesse no caso, Rubens colocou as fotos a minha disposição e seu primo, Rubens Marques, deu-me as coordenadas e um número de telefone para que pudesse dar início a investigação do que parecia ser, a primeira vista, o primeiro caso conhecido no mundo de mutilação de um ser humano por extraterrestres.

"Liguei imediatamente para o número que me fora dado e quem atendeu foi o próprio José Roberto Cuenca, promotor de Justiça e responsável pelo processo

"Remoção do ânus com ampla incisão de formato alargado, ovalado e diâmetro com cerca de 15x8 cm. Ferida perfurante com diâmetro de 2 cm no espaço interdigital do segundo e terceiro pedodáctilo de ambos os pés.

criminal sobre o caso. Inesperadamente (pois as autoridadces normalmente fogem destes assuntos) o doutor Cuenca mostrou-se muito interessado na questão e, ao mesmo tempo, bem prestativo, marcou a data para uma entrevista. Ele me recebeu com cordialidade e simpatia. É um homem jovem e com a mente aberta. Ele ainda se recordava do caso devido à sua estranheza. Diante disso, fui clara. Expus a ele minhas hipóteses. Falei de mutilações de animais e ETs.

"Para minha surpresa e alegria, o doutor Cuenca ofereceu-se para ajudar em minha pesquisa em tudo o que fosse possível. Ofereci a ele um vasto material que o Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores gentilmente me cedera para a ocasião, referente a mutilações de gado por

Laudo Necroscópico

"Observamos remoção das regiões orbitárias direita e esquerda, cavidade oral, faringe, orofaringe, região cervical, região axilar direita e esquerda, abdome, pelvis, região iguinal direita e esquerda.

"Através de incisão bimastoideavertical e rebatimento do couro cabeludo e da abertura da cavidade segundo técnica de Griessinger, observamos: calota craniana integra, edema cerebral.

"Remoção da musculatura intercostal a nivel de segundo, terceiro, quarto e quinto espaços intercostais esquerdos. Na cavidade abdominal e quadril ausência de órgãos com remoção de todas as vísceras abdominais evidenciando arrancamento dos órgãos e com reação vital. Na exploração do membro superior direito e esquerdo e membro inferior direito direito e esquerdo observamos: incisão dos músculos dos braços direito e esquerdo e muscúlos direito e esquerdo com posterior arrancamento de tecido".

exumação do cadáver para ver as condições do mesmo e o que de novo poderia surgir.

"Infelizmente, quando fui ao cemitério onde o corpo havia sido enterrado (a princípio como indigente), instruída para tanto pelo próprio doutor Cuenca, o mesmo já havia sido exumado e transferido para outro cemitério pela família do morto. Mesmo assim, passados dois meses, o doutor Cuenca conseguiu encontrar o processo e ligou-me, colocando uma cópia a minha disposição. Quando tive o processo em mão, foi como se recebesse um troféu. Era um documento extraordinário para a Ufologia".

extraterrestres nos Estados Unidos e Canadá, para que o promotor pudesse familiarizar-se com este tipo de fenômeno. Enquanto isso, o doutor Cuenca dava início a uma intensa procura para tentar localizar o processo, já arquivado, do caso. Isso era tarefa difícil, pois não se recordava do número do mesmo que, para dificultar ainda mais, constava nos anais policiais paulistas como de pessoa desconhecida.

"No dia seguinte, um sábado, o doutor Cuenca ligou-me: havia estudado o material que lhe fornecera e queria discutir o assunto, que achou muito interessante. Mais ainda, disse-me que daria continuidade às investigações do caso e pensava até em pedir a

Todas as vísceras retiradas por uma abertura de apenas 3 cm no ventre

ÓRGÃOS EXTRAÍDOS

As páginas iniciais do processo que caiu nas mãos de Encarnación Zapata só despertariam a atenção de leitores muito atentos. "...tendo chegado ao meu conhecimento que, em 29 de setembro de 1988, em horário ignorado, na localidade (omitido) foi encontrado o corpo de um elemento desconhecido, de sexo masculino, branco, aparentando 40 anos, trajando apenas cueca e apresentando deformações por todo o seu corpo e rosto devido à ação de

urubus, determino que o senhor escrivão, a meu cargo, assine e rubrique este e demais documentos e instaure competente inquérito policial para a perfeita elucidação dos fatos" - dizia o delegado de polícia encarregado do inquérito.

Marcas aterrorizam legista: é a história mais assustadora de mutilação

O boletim de ocorrência que fez o primeiro registro do caso também atribuia as mutilações ao provável ataque de urubus. Trazia apenas uma informação adicional importante: "(o cadáver foi encontrado) com deformações por todo o corpo, não havendo no mesmo, entretanto, sinais de violência". Para Encarnación Zapata este dado é crucial. "Os policiais e peritos criminais que trataram do caso não encontraram sinais de violência ou luta corporal e nem o menor vestígio que os levasse a uma

pista do que acontecera naquele local. Em virtude do corpo achar-se em lugar de difícil acesso e na margem oposta da represa, a autoridade de plantão determinou que o Corpo de

Caso não é único

Mutilações humanas não são incomuns no Brasil. Por onde se ande, é possível encontrar relatos e histórias. Mas elas nunca foram investigadas a fundo. Em julho de 95, um caso ocorrido em Estância Velha, perto de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, fugiu a esta regra e ganhou as páginas dos principais jornais brasileiros. O agricultor Olívio Correia, de 56 anos, que padece de problemas mentais, foi encontrado desmaiado, num terreno baldio, sem os dois olhos. Seus globos oculares haviam sido extraídos cirurgicamente e o Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul entrou na história. Aquilo só poderia ter sido feito por especialistas e o Conselho investigava a provável participação de médicos.

Depois de submeter o agricultor a vários exames, o presidente do CRM, Marco Aurélio Becker, convocou a imprensa para afirmar que a técnica utilizada não era um técnica médica. "A técnica médica se caracteriza pelo corte dos músculos rente ao globo ocular. No caso do agricultor, houve um corte profundo junto à parede da cavidade ocular. Houve destreza na retirada por instrumento cortante. Mas não se caracterizou o envolvimento de médicos. Também não houve ferimentos na pálpebra", afirmou. O médico João Luis Corso, do Instituto Médico Legal de Porto Alegre, que examinou Olívio, afimrou que "não houve lesão acidental e sim a extração dos olhos".

Olívio foi encontrado em um domingo. Não se lembrava do que havia ocorrido com ele. Os médicos suspeitavam que o fato ocorrera no dia anterior. Mas o oftalmologista Reginaldo de Oliveira Rosa, do Hospital Getúlio Vargas, onde Olívio foi internado, constatou que as lesões não eram recentes.

Enquanto o caso estava na mídia foram levantadas várias hipóteses. Falou-se em contrabando de órgãos, rituais de magia negra. Em pouco tempo a história de Olívio perdeu o interesse. Foi relegada aos rodapés das páginas dos jornais. Um ano depois, o inquérito policial aberto para investigar o caso concluiria que os olhos do agricultor haviam sido arrancados por predadores naturais, enquanto ele se estava embriagado e desacordado em um terreno baldio.

Bombeiros o transferisse para local mais acessível. O cadáver não tinha o menor sinal de ter sido amarrado antes ou depois da morte. Não haviam marcas ou rastros ao seu redor.

Apesar deste coloquialismo das autoridades, o laudo necroscópico do cadáver era chocante. Todos as vísceras haviam sido retiradas por uma perfuração de apenas 3 centímetros de diâmetro, feita na altura do umbigo, que também fora extirpado; a região do lábio e grande parte da pele do maxilar inferior, bem como a língua e esôfago haviam sido extraídos, com precisão cirúrgica. Haviam sido removidas, ainda, a bolsa escrotal, o ânus e o reto da vítima. Os músculos do braço foram retirados por um pequeno orifício de apenas 2 centímetros, feito simetricamente na parte superior dos dois membros. Os médicos que fizeram a necrópsia analisaram também as roupas do cadáver e não encontraram uma única gota de sangue.

Orelhas e glândulas retiradas através de feridas feitas com instrumento cortante (foto 1)

MÉDICOS SURPRESOS

O médico que assina o laudo foi entrevistado várias vezes, em diferentes ocasiões, por Encarnación Zapata. Seu nome é mantido em sigilo. Alguns trechos de seu depoimento são contundentes: "Jamais havia visto nada semelhante. Nem sequer a menção de um caso semelhante. Quando deparamos com casos estranhos procuramos saber se existem notícias de algo parecido. Mas nunca havia ocorrido nada igual. A vítima foi manipulada enquanto vivia. Foi como se alguém tivesse lançado mão de um aspirador, uma máquina de pelo menos 200HP, e arrancado todos os órgãos de uma vez. Imagine que a musculatura foi arrancada separada da pele. Mas como imaginar que alguém pudesse arrancar a musculatura e deixar a pele intacta? Um dos pulmões estava seccionado por um corte em bisel, um corte perfeito. Pelo tipo das incisões encontradas, eu diria que a pessoa que as produziu sabia muito bem o que fazia. No processo criminal uma dos policiais que foram ao local afirma que havia uma grande quantidade de urubus sobrevoando a área. Mas nenhum deles se aproximou do cadáver", afirma o legista.

Diversos médicos legistas, na época, tentaram encontrar explicações para o caso. Mas nenhuma das hipóteses chegou a lugar nenhum.

Encarnación Zapata investigou o caso durante quatro anos

Arquétipo mistura vampiro e lobisomem

Durante o "boom" do chupa-cabras, entidades envolvidas com as investigações foram atulhadas de chamados. Só o Cepex chegou a receber mais de cem comunicações em uma única semana. Destas, a esmagadora maioria - cerca de 95% - não passava de lenda ou fantasia. Outros 3% dos casos poderiam ser claramente atribuídos a ataques de predadores naturais ou sacrifícios de animais feitos por seitas religiosas. Apenas 2% eram casos realmente inexplicáveis.

Impressionante nestes números é que a maioria dos protagonistas, até das histórias mais fantasiosas, acreditava piamente ter visto o chupa-cabras, mesmo quando se tratava de cachorros e até bezerros. Um guarda noturno, na periferia da cidade de Hortolândia, chegou a matar um vira-latas que fuçava no lixo. Ao constatar que tratava-se de um cachorro, ele não admitia o engano. "Então ele

se transformou, ao morrer", insistia.

Diante desta febre, que em alguns casos beirou a histeria coletiva, vários jornais chegaram a pedir o auxílio de outros especialistas, na tentativa de interpretar o fenômeno. O conhecido psicanalista Maurício Knobel, de São Paulo, afirmou que o surgimento de seres extraordinários como o chupa-cabras é comum em todas as partes do mundo, "principalmente em momentos de mal estar social ou econômico". De acordo com ele, as pessoas costumam atribuir os males sociais a seres misteriosos e tudo acaba se tornando um mito coletivo.

E o arquétipo que se esconde por trás da figura - ou melhor, das diferentes figuras - do chupa-cabras está longe de se reduzir a uma simplificação. Ele mistura, pelo menos, dois dos mitos mais arraigados no inconsciente coletivo da humanidade. De um lado, o lobisomem; de outro, o vampiro.

LOBISOMEM E VAMPIRO

O mais importante folclorista brasileiro de todos os tempos, Luis da Câmara Cascudo, destina mais de 70 páginas de seu livro Geografia dos Mitos Brasileiros, publicado em 1948, para falar do Lobisomem. O livro tem pouco mais de 300 páginas e fala de praticamente todos os mitos brasileiros, do saci-pererê à porca-dos-sete-leitões. E ele mesmo justifica a importância que dá ao mito do lobisomem:

Chupa-cabras mistura traços de dois dos maiores mitos da história mundial

"(O lobisomem) Está em todos os países e épocas, com histórias espelhadas, sob nomes vários, registrado nos livros eruditos. É um dos mitos mais complexos e obscuros pela ancianidade e divisão local". Segundo ele, desde a Grécia e Roma antigas, passando por toda a África, Europa e Ásia, o lobisomem é registrado sob diferentes nomes, sob uma infinidade de histórias, mas sempre com as mesmas características: um ser humano que se

O Forró do Chupa-Cabras

Compositores:
Robson Arantes e Paulino Neves

Interpréte:
Bráulio, o Verdadeiro

Vem comigo, menina,
se cochilar a noite acaba.
Quero dançar a noite inteira
vamos levantar poeira
no forró do chupa-cabras

Um dia, minha cumadi
me jurou que era verdade
viu um cara no cerrado
- a molecada na escola
e lá no campo de bola -
deixá o povo assustado

Mas a cumadi não cochila,
salvou o povo da vila,
perdeu uma cabra só
e o convidou prum
bate-saco, descobriu
que o malaco também
gosta dum forró

Agora, quando anoitece,
a molecada já não tem
mais medo
quando a luz apaga
e por causa da cumadi,
já fizeram amizade
com o tal do chupa-cabras

transforma em lobo e ataca suas vítimas sob a luz da lua cheia.

"Em todas as cidades, vilas e povoados do Brasil, o lobisomem tem sua crônica. Ninguém o ignora e serão raros os que não têm um depoimento curioso sobre ele", afirma Cascudo.

O vampirismo, ou seja, a história de seres que chupam o sangue de outros, é quase tão universal quando o lobisomem. Eles foram registrados em praticamente todas as grandes culturas do mundo e acabaram personificadas, no Ocidente, na imagem lendária do Conde Drácula. "Libertando-se lentamente da tradição oral, o vampiro vai pouco a pouco deixando de ser um monstro ameaçador, para se transformar numa forma de entretenimento semelhante à montanha russa: prazer derivado do medo. Apesar de nunca ser lembrado, jamais foi esquecido. Seu comportamento nos meios de

Criatura toma o lugar de outras e invadiu a imaginação popular

comunicação de massa transformou-se em algo muito semelhante à sua própria existência como mito ancestral: história preferida das camadas populares, reflexo das tendências de libertação de uma cultura clássica, que hoje caminha nas sombras dos grandes eventos culturais do século vinte", diz o escritor Paulo Coelho, no capítulo final de uma série de artigos que escreveu sobre "O mito do vampiro".

Ao que tudo indica, outros

Morte de qualquer animal no campo é atribuída ao lendário chupa-cabras

mitos andaram invadindo também a seara do chupa-cabras. Quando Gugu Liberato, em seu programa de domingo, em 22 de junho de 97, manteve a audiência atenta por toda a tarde anunciando que mostraria a cabeça de um chupa-cabras encontrado na Amazônia, talvez não estivesse apenas blefando. O tal chupa-cabras não passava da cabeça seca de um peixe de grande porte. Na Amazônia, segundo relatos do próprio Luis da Câmara Cascudo, é comum que estes grandes peixes sejam tomados pelo legendário Ipupiara. O Ipupiara é um homem-peixe feroz, bestial, que sai das águas com instinto assassino para matar e devorar animais e seres humanos.

ARQUÉTIPO MODERNO

O moderno chupa-cabras mistura, claramente, características essenciais destes dois mitos. O sangue, a animalidade, a busca das regiões profundas, buracos, esgotos, rios, a violência, o mistério, a origem essencialmente rural, matas, homens surpreendidos nos caminhos ermos - e tudo isso misturado com mitos e arquétipos ainda mais modernos de ETs e discos voadores.

Este coquetel explosivo foi, com certeza, a caixa de ressonância onde repercurtiram as histórias de chupa-cabras, criando um novelo nem sempre fácil de deslindar. Em muitos casos o fio da meada se confunde entre fatos reais, mitos, medo imaginário e especulação pura e simples.

Qualquer cientista ou investigador sério, mas não familiarizado com os fatos, corre o risco de confundir-se na interpretação do fenômeno. Talvez por isso, muitos deles tenham sido precipitados quando chamados a explicar os casos. Negar o chupa-cabras, pura e simplesmente, é um equívoco, assim como o é aceitá-lo incondicionalmente.

Drink do Chupa-Cabras

Ingredientes:
1 dose de vodka, 1/2 dose de Campari, 1/2 dose de Margarita-Mix, limão, sal, gelo.

Preparo:
Embeba a borda do copo em um pouco de suco de limão e pulverize sal. Coloque uma fatia extra-fina de limão no fundo do copo. Deposite dois cubos de gelo. Adicione a vodka, a Margarita-Mix e o Campari. Macere ligeiramente a fatia de limão no fundo do copo. Enfeite com outra fatia de limão. Coloque canudinhos e beba.

Afinal, que bicho é esse?

O chupa-cabras não é só um bicho peludo. É muitos bichos. É lobisomem, vampiro e uma infinidade de outros mitos que habitam o imaginário popular. Mas também é mais do que isso. O termo generaliza um fenômeno amplo que deveria ser rotulado também com um termo amplo. No Cepex, os casos são arquivados com o rótulo: "Animais Mortos e Mutilados em Circunstâncias Misteriosas". Nestas pastas há, pelo menos, dois tipos de ocorrências claramente definidas:

1- As mutilações encontradas nos animais são tecnicamente perfeitas. Não há possibilidade de que tenham sido deixadas por predadores naturais. Em alguns casos, as mutilações estão além das possibilidades técnicas da medicina moderna. Estes casos costumam ser associados ao fenômeno OVNI.

2- As mutilações são mais grosseiras e nem por isso menos intrigantes. Marcas encontradas em animais não são similares às deixadas por nenhum outro predador conhecido. Nas regiões onde ocorrem, é comum a aparição deste estranho animal peludo que recebeu o nome de chupa-cabras.

A partir destas evidências, os pesquisadores do fenômeno arriscam três hipóteses:

1ª Hipótese - Os chupa-cabras seriam animais terrestres, resultado de mutações genéticas induzidas, realizadas em laboratórios que teriam perdido o controle sobre os seus frankensteins. Esta hipótese exclui o fenômeno OVNI e simplifica as possibilidades. Não explica, por exemplo, as mutilações com alto nível de sofisticação técnica.

2ª Hipótese - Os chupa-cabras seriam animais extraterrestres, deixados em diferentes pontos da Terra por naves de outros planetas. Esta hipótese explica porque a maioria das ocorrências é registrada em locais onde ocorrem muitos casos de avistamentos de OVNIs. Seus defensores acreditam que os ETs capturados em Varginha seriam, como os Chupa-Cabras, espécies de animais deixados na Terra para algum tipo de experimento científico. Dentro desta hipótese, as mutilações sofisticadas continuam sem explicação.

3ª hipótese - Os chupa-cabras seriam resultado de experiências genéticas realizadas por ETs com animais terrestres; ou cruzamentos induzidos de animais terrestres com extraterrestres. De acordo com esta hipótese, as mutilações sofisticadas foram realizadas por cientistas extraterrestres para estudar a biologia dos animais terrestres. A partir destes estudos, eles teriam criado este animal híbrido, com características extraterrestres mas capaz de sobreviver na Terra.

É a hipótese ufológica mais consistente com os fatos. Primeiro, ocorreram as mutilações sofisticadas. Muitos anos depois, apareceu o chupa-cabras.

Caso esta hipótese seja correta, a história do cadáver humano encontrado na represa de Guarapiranga, em São Paulo, assume proporções ainda mais aterradoras. Depois de mutilar animais e criar o chupa-cabras, ETs tentariam agora aplicar a experiência em seres humanos.